

OMNIA SAÚDE

FAVARETTO, Priscila Zanardi; VALLE, Tânia Gracy Martins. Compreendendo a dinâmica familiar de adolescente expostos a violência sexual intrafamiliar. *Omnia Saúde*, v.8, n.1, p.01-25, 2011.

COMPREENDENDO A DINÂMICA FAMILIAR DE ADOLESCENTES EXPOSTOS À VIOLÊNCIA SEXUAL INTRAFAMILIAR

UNDERSTANDING THE FAMILY DYNAMICS OF ADOLESCENTS EXPOSED TO SEXUAL VIOLENCE

Priscila Zanardi Favaretto

Especialista em Psicologia e Saúde (UNESP)

Tânia Gracy Martins do Valle

Doutora em Psicologia Clínica (IP/USP)

Docente do Departamento de Psicologia (FC/UNESP)

RESUMO

A violência na adolescência, mais especificamente a violência sexual, é um tema de grande relevância na atualidade. Mundialmente tem-se presenciado o aumento da violência sexual, transformando-se na ocorrência mórbida de maior prevalência na adolescência. Chama atenção no fenômeno da violência sexual contra crianças e adolescentes não somente o fato de a maior parte das vítimas serem agredidas no próprio ambiente familiar, mas também o tipo de vínculo entre vítima e agressor. Dessa forma, baseado na abordagem sistêmica, este estudo objetivou compreender a dinâmica familiar de adolescentes vítimas de violência sexual intrafamiliar. Participaram do estudo sete adolescentes e seus respectivos pais, usuários e beneficiários dos serviços ofertados pelo CREAS – Centro de Referência Especializado da Assistência Social de um município do Estado do Mato Grosso do Sul. Os instrumentos utilizados foram o Teste do Desenho em Cores da Família (TDCF) e um questionário a respeito das figuras realizadas e das interações familiares. Os resultados indicaram a dificuldade na diferenciação dos papéis familiares, principalmente no que tange a diferenciação da díade mãe e filha, fato que pareceu ser o motivador para o empobrecimento da individuação nos grupos. Também percebeu-se a presença de conflitos entre as figuras familiares, provavelmente advindos da situação abusiva presente. Neste contexto, as famílias estudadas demonstraram dificuldades de comunicação entre os membros familiares, prejudicando a integração entre eles, bem como a existência de uma liderança autoritária e regras rígidas desempenhadas pela figura paterna. Tais resultados podem subsidiar ações preventivas e terapêuticas para situações de violência sexual contra crianças e adolescentes. Dessa forma, sugere-se o acompanhamento psicológico para os participantes deste estudo e demais envolvidos, com vistas à redução dos danos causados e a recuperação da qualidade de vida para todos os membros da família, assim como a necessidade de continuidade de estudos na área em questão.

Palavras-chaves: Violência Sexual. Adolescência. Dinâmica familiar. Teste do desenho em cores da família.

ABSTRACT

Violence in adolescence, specifically sexual violence, is a topic of great relevance. Not only in Brazil but the world has witnessed the increase of sexual violence, becoming the most prevalent morbid occurrence in adolescence. Draws attention to the phenomenon of sexual violence against children and adolescents not only the fact that most of the victims are assaulted in their own home environment, but also the type of relationship between victim and aggressor. Thus, based on systemic approach, this study aimed to compose eend family dynamics of adolescent victims of sexual intra-familial. Participants were seven teenagers and their parents, users and beneficiaries of services offered by CREAS - Reference Center for Specialized Social Assistance in a municipality of Mato Grosso do Sul. The instruments used were the Test of Drawing in Colour of the Family (FCDT) and a questionnaire about the pictures taken and family interactions. The results indicated the difficulty in differentiating family roles, especially regarding the differentiation of the mother and daughter, a fact that seemed to be the motivator for the impoverishment of individuation in groups. Also noted the presence of conflict between the familiar figures probably originated from this abusive situation. In this context, the studied families showed communication difficulties between family members, hindering the integration between them, as well as the existence of an authoritarian leadership and strict rules performed by the father figure. These results may support preventive and therapeutic actions to situations of sexual violence against children and adolescents. Thus, it is suggested that psychological counseling for the study participants and other stakeholders with a view to reducing damage and recovery of quality of life for all family members, as well as the need for further studies in the area in question.

Key words: Sexual Violence. Adolescents. Family dynamics. Family Colored Drawing Test.

INTRODUÇÃO

A violência é hoje uma das grandes preocupações em nível mundial, afetando a sociedade como um todo. Fazendo parte da chamada questão social, ela revela formas de dominação e opressão desencadeadoras de conflitos. Inserida num contexto histórico-social e com profundas raízes culturais, a violência sexual, uma das facetas do fenômeno violência, atinge todas as faixas etárias, classes sociais e pessoas de ambos os sexos (MINAYO, 1999). Conforme se observa na literatura mundial, ela ocorre universalmente, estimando-se que produza cerca de 12 milhões de vítimas anualmente. No Brasil, foi levantado que nos últimos anos, das 20.400 denúncias de maus-tratos contra crianças e adolescentes, 13% se referem às situações de abuso sexual (FRANÇA-JUNIOR, 2003).

Embora a legislação vigente no Brasil (ECA – Lei Federal N° 8069, de 13 de julho de 1990) considere adolescente a pessoa com idade entre 12 e 18 anos, alguns autores conceituam a fase da adolescência, cronologicamente, iniciada aos onze e terminados aos vinte anos. É uma fase bastante delicada para a saúde e para o desenvolvimento da personalidade do indivíduo, pois se trata de um período relativamente curto, no qual ocorre um acúmulo de novas aquisições, além de muitas mudanças em todas as áreas de sua vida: social, emocional, física, cognitiva e sexual. Por isso, alguns autores defendem a idéia de que a adolescência é um dos períodos de crise, próprio do ciclo vital (KALINA, 1979; OSÓRIO, 1989; ABERASTURY & KNOBEL 1992).

Segundo o Aberastury e Knobel (1982) o indivíduo, nessa fase, está construindo uma identidade própria; e nessa busca, é importante ressaltar que ele pode experimentar uma enorme multiplicidade de identificações, as quais podem ser bastante contraditórias entre si. Essa instabilidade é esperada e até mesmo desejada, porém cabe a seu meio ambiente, em especial a seus pais, estabelecer limites e orientar esse processo investigativo; para que ele seja feito com segurança, sem que leve a uma situação que possa causar prejuízos permanentes a sua saúde, como por exemplo: uma gravidez indesejada, a exposição à violência sexual, uso excessivo de substâncias psicoativas, entre outros. Vivenciar, nesse período de grande fragilidade, uma situação traumática, como o abuso sexual, pode causar uma paralisação no desenvolvimento psíquico, e poderá levar a um enorme prejuízo para toda sua vida.

Vários autores concordam que embora a violência sexual contra a criança e o adolescente possa ser de natureza variada (incluindo desde a carícia íntima, passando pela pornografia, até a penetração vaginal, anal ou oral), a principal característica do fenômeno parece ser o fato de envolver sempre um adulto em posição de autoridade e uma criança/adolescente que, devido à fase de desenvolvimento em que se encontra, é incapaz de entender a natureza deste contato sexual (AMAZARRAY & KOLLER, 1998; PADILHA & GOMIDE, 2004; BRINO & WILLIAMS, 2005; DUARTE & ARBOLEDA, 2005).

Day (2003) também conceitua a violência sexual contra crianças e adolescentes como toda ação na qual um adulto, em situação de poder, obriga os mesmos à realização de práticas sexuais, utilizando força física, influência psicológica ou uso de armas ou drogas. Já a Abrapia (1997), definiu abuso sexual como uma situação em que uma criança ou adolescente é usado para gratificação sexual de um adulto, baseado em uma relação de poder que pode incluir desde carícias, manipulação da genitália, mama ou ânus, exploração sexual, pornografia e exibicionismo, até o ato sexual com ou sem penetração, com ou sem violência. Langberg (2002) também conceitua a violência sexual desta forma, e as subdivide em sem contato físico e com contato físico, no qual implica em graus diferentes de intimidades que vão desde beijos, masturbação, carícias dos seios e órgãos sexuais e até conjunção carnal, podendo ser oral, vaginal e anal.

Chama atenção no fenômeno da violência sexual contra crianças e adolescentes não somente o fato de a maior parte das vítimas serem agredidas no próprio ambiente familiar, mas também o tipo de vínculo entre vítima e agressor. Azevedo e Guerra (1989) definiram incesto como toda atividade de caráter sexual, implicando uma criança de 0 a 18 anos e um adulto que tenha para com ela, seja uma relação de consangüinidade, afinidade ou de mera responsabilidade.

Furniss (1993) e Williams (2002) destacam que a figura do pai aparece como a mais comum na agressão sexual. Os estudos de Ferreira (2005) confirmam a presença do pai como principal autor da violência sexual contra crianças e adolescentes, seguido de alta incidência de outros familiares envolvidos, como o padrasto. Também Padilha; Williams (2005) afirmam que o pai é o agressor mais freqüente nestes casos (cerca de 43% dos casos), seguido pelo padrasto (por volta 17% dos casos). A autoridade conferida ao pai, à vivência no mesmo lar da criança, a crença por parte deles de que atitudes com intenção sexual entre pais e filhos são “normais”, entre outros aspectos, podem explicar, em parte, essa prevalência.

Furniss (1993) e Araújo (2002) destacam outro aspecto relevante no que tange às práticas de coerção praticadas pelos agressores contra suas vítimas. Conforme autores, crianças que

sofreram violência sexual frequentemente são obrigadas pelo agressor a não revelar para outras pessoas dentro da família ou fora dela, ele se aproveita da sua vulnerabilidade ou imaturidade, garantindo o silêncio da vítima seja com violência, castigos, ameaças, ou até mesmo com chantagem, promessas, entre outros, onde o ganho secundário do suborno é um tratamento especial à criança (presentes ou regalias), favorecendo o desenvolvimento da “síndrome do segredo” (FURNIS, 1993). Tal síndrome serve para encobrir o incesto, visando proteger a estrutura familiar. Por isso, quando ocorre a denúncia de um abuso sexual intrafamiliar, a família experimenta um forte sentimento de ruptura, que inicialmente parece a seus membros mais destrutivo do que o próprio incesto.

Dessa forma, a vítima pode vivenciar, então, uma confusão nos papéis e funções familiares, porque a violência pode vir acompanhada por atos de sedução e carinho que mascaram a conduta abusiva do agressor. Nos estudos de Day (2003) ficou evidente que tais comportamentos tendem a deixar as crianças confusas e, dependendo do tipo de relação que elas mantêm com o agressor, as vítimas podem oscilar entre calar ou denunciar tais atos, praticados por alguém que obrigatoriamente deveria lhes dispensar cuidados e proteção. Em consequência, a vítima vive uma situação traumática e conflituosa, permeada por diferentes sentimentos, como medo, raiva, prazer, culpa e desamparo. Pode haver raiva dirigida à mãe, por não protegê-la, o que retro-alimenta o medo de revelar a violência devido ao receio de que não acreditem nela (vítima) ou a considerem culpada (ARAÚJO, 2002).

Habigzang (2005), ao mapear os fatores de risco para abuso sexual intrafamiliar identificados nos processos jurídicos do Ministério Público do Rio Grande do Sul – Brasil por violência sexual, no período entre 1992 e 1998, através da análise de 71 expedientes, objetivando caracterizar o perfil das vítimas, da violência sexual, dos agressores e das famílias, encontrou resultados, os quais apontaram que o desemprego, famílias reconstituídas, abuso de álcool e drogas, dificuldades econômicas e presença de outras formas de violência constituíram os principais fatores de risco associados ao abuso sexual.

Como foi visto, a adolescência é uma fase de crise tanto para o jovem como para a família. Essa crise se agrava ainda mais quando o abuso sexual ocorre. Day (2003) destaca algumas das consequências comportamentais da violência sexual contra crianças e adolescente para a vítima, e inclui: atividade masturbatória compulsiva, distúrbios do sono, distúrbios de aprendizagem, distúrbios alimentares, conduta isolada, sintomas psicóticos, quadros ansiosos, obsessivo-compulsivos, depressão, sentimentos de rejeição, confusão, humilhação, tentativa de suicídio, vergonha e medo.

Conforme Faúndes et al. (2006) as consequências psicológicas da violência sexual são muito variáveis, já que cada pessoa responde de forma diferente ao fato. Entretanto, é possível observar nas vítimas diversos transtornos psicológicos, incluindo depressão, fobias, ansiedade, uso de drogas, tentativa de suicídio e o transtorno de estresse pós-traumático. O autor relata ainda outras seqüelas psicológicas que se observam com muita frequência nestes casos e podem expressar-se de muitas formas: cefaléia crônica, fadiga, transtornos do sono, pesadelos, transtornos do apetite, alterações menstruais, dor pélvica crônica e disfunções sexuais, quando adultas. Araújo (2002), Azevedo e Guerra (2003), Duarte e Arboleda (2005) e Vincentin (2009) consideram que o apoio oferecido pela mãe, à criança, em situação de violência sexual intrafamiliar pode ser fundamental para a superação do trauma, enquanto Williams (2002) indica a necessidade de ações terapêuticas para toda a família, incluindo o agressor.

O CREAS – Centro de Referência Especializado de Três lagoas – MS, enquanto unidade de referência deve promover acompanhamento e apoio psicossocial às crianças vítimas de violência sexual, bem como às suas famílias. Segundo o Ministério do Desenvolvimento Social (MDS), o CREAS assegura a criança e o adolescente vítima de abuso sexual e a suas famílias a proteção imediata e o atendimento psicossocial, com acompanhamento técnico especializado desenvolvido com uma equipe multiprofissional que mantém permanente articulação com a rede de serviços socioassistenciais e das demais políticas públicas, assim como o sistema de garantia de direitos. Desde a sua implantação no município, em janeiro de 2009, o programa já atendeu quase oitenta vítimas deste tipo de violência e os dados coletados pelo serviço, revelam que a maior parte delas possui entre seis e quatorze anos, sendo a maioria meninas e o agressor, em maior número, o sujeito que ocupa a posição de pai na constelação familiar, podendo ter ou não laços consanguíneos.

Estes dados apontam para a violência sexual intrafamiliar como um fenômeno diretamente relacionado à dinâmica das famílias nas quais a violência acontece e, neste sentido, seus membros devem ser entendidos como participantes de relações que em algum momento deixaram de acontecer de uma maneira saudável. Dessa forma, baseado na abordagem sistêmica, este estudo objetivou compreender a dinâmica familiar de adolescentes vítimas de violência sexual intrafamiliar.

Assim, esta pesquisa científica funcionará como subsídio para que este fenômeno seja compreendido e avaliado por meio de parâmetros que ultrapassem os valores do senso comum, auxiliando na busca pela melhor qualidade de intervenção com estas famílias.

Dinâmica familiar e violência sexual na adolescência

Segundo Neuber, Palanin e Valle (2008), a teoria Sistêmica possui um importante referencial teórico para que a família seja compreendida como um sistema complexo. Conforme a teoria, a família é um sistema vivo e funciona de acordo com alguns princípios básicos: o modelo sistêmico é entendido como uma rede de estruturas, configurações e delimitações de um dado contexto social. No mesmo, prevê-se comunicação e interdependência entre seus membros e principalmente, o conceito de “homeostase”, entendido como a estabilidade dos padrões interacionais, modelados por uma determinada unidade social quando ocorre um desequilíbrio, pela interferência de estímulos internos ou externos (VALLE, 2000).

A família, à luz da Teoria Sistêmica, conforme estudos de Valle (2000), leva em consideração a estrutura, o funcionamento (ou dinâmica) e as interações de todo o grupo familiar, sejam seus aspectos adequados ou não. Dessa maneira, alterações (sem planejamento e compreensão) nas funções de pai, mãe e filhos, mesmo que temporariamente, desestabilizam o equilíbrio do grupo necessitando de reorganização para manter as relações saudáveis, fundamentais ao desenvolvimento infantil. Assim sendo, a família é considerada como um todo, no qual, os seus membros possuem uma estrutura, uma dinâmica e uma função na busca de equilíbrio homeostático.

Para a compreensão da família como um sistema, três componentes são importantes: a) a estrutura familiar é a de um sistema sócio-cultural aberto em constante transformação; b) a família está em desenvolvimento e necessita sempre de reestruturação; c) a família se adapta a mudanças e busca manter a sua continuidade e o crescimento psicossocial de cada membro (MINUCHIN, 1982).

A estrutura familiar refere-se às exigências funcionais, muitas vezes implícitas, que organiza as maneiras pelas quais os membros da família interagem. Uma família é um sistema que opera através de padrões transacionais, que direcionam o como, o quando e com quem os membros se relacionam e estes padrões reforçam o sistema (MINUCHIN, 1982). Os padrões transacionais, por sua vez, podem ter a influência de sistemas de repressão, seja genérico ou idiossincrático. No genérico, envolve as regras universais que influenciam na organização familiar, ou seja, a família interage de acordo com tais regras, que acaba por reprimir algumas outras vivências. No idiossincrático, existem expectativas mútuas entre membros da família, algumas vezes estas expectativas são explícitas e claras, mas outras vezes, são implícitas e os membros interagem sem ter consciência desta influência (MINUCHIN, 1982).

Dentro do sistema familiar, existem três subsistemas básicos: o subsistema conjugal, que refere-se ao casal; o subsistema parental, refere-se à dinâmica entre pais e filhos; e, o subsistema fraternal, refere-se à dinâmica entre os irmãos. (NEUBER, PALANIN & VALLE, 2008).

Entre um subsistema e outro existe a fronteira, que são as regras que definem quem participa e como participa daquele subsistema. As fronteiras devem ser claras para os membros, para que existe um bom padrão transacional e uma boa comunicação dentro do sistema, caso contrário, pode-se haver o emaranhamento ou desligamento (MINUCHIN, 1982). O emaranhamento ocorre quando as fronteiras não são claras, passando a não existir diferenciação entre os membros, o que pode ocasionar em carência de recursos para o enfrentamento de situações estressantes.

Quando existe equilíbrio no sistema familiar e as fronteiras estão delimitadas satisfatoriamente, haverá circularidade das dimensões interacionais o que permitirá melhor qualidade para os familiares em suas interações (MINUCHIN, 1982). Embora estas dimensões interacionais do funcionamento familiar sejam extremamente relevantes para a “saúde emocional” da família como um todo, nem sempre é possível que elas aconteçam de modo a propiciarem aquilo que as dimensões carregam de mais positivo para o sistema familiar. Famílias estão em equilíbrio e desequilíbrio o tempo todo e o que parece mais relevante, neste sentido, é a forma como a família receberá e “administará” mudanças e desajustes nas dimensões interacionais do grupo, em decorrência das diferentes necessidades de seus membros frente à fase do seu ciclo vital. Tais interações foram subdivididas em categorias por Férez-Carneiro (1996), sendo que neste estudo serão utilizadas 10 delas: comunicação, papéis, regras, liderança, agressividade, conflito, afeição, individuação, integração, e, auto-estima.

Férez-Carneiro (1996) explica que para um bom funcionamento do sistema familiar, a comunicação deve ser clara, congruente e com direcionalidade, pois define a natureza das relações entre os envolvidos, além de compartilhar de informações entre eles. As regras devem ser explícitas, coerentes e flexíveis, compartilhadas por pelo menos dois membros do sistema familiar, direcionando as ações grupo. Os papéis devem definir as funções de cada membro dentro do sistema, clareando os limites entre os subsistemas. A liderança requer que os papéis sejam claros e, portanto, não deve ser invertida, de modo que os filhos aceitem o posicionamento dos pais enquanto figura de autoridade, e estes por sua vez devem fazer uso da autoridade, mas não de forma autoritária. Os conflitos são importantes para promover a busca pelo equilíbrio entre os subsistemas, devendo existir, também, a busca pela solução visando o desenvolvimento construtivo do grupo. A agressividade diz respeito ao modo como

os membros expressam os seus sentimentos, podendo ou não ser destrutiva, todavia, torna-se construtiva quando a família facilita e promove o crescimento uns dos outros.

A afeição é importante, pois propicia o desenvolvimento do potencial afetivo dos membros, e, portanto, o desenvolvimento emocional saudável do sistema, ao mesmo tempo em que promove a formação da identidade pessoal. A individuação é importante para que cada membro da família mantenha a sua identidade, de modo que haja no sistema familiar o respeito às diferenças e às discordâncias entre os seus membros, possibilitando a manifestação de opiniões divergentes. A integração permitirá que a família aja em grupo, de acordo com uma identidade grupal, buscando soluções para os problemas e caminhos para o alcance de objetivos comuns, embora, cada membro tenha a sua individualidade. E, por fim, a auto-estima promoverá o crescimento de cada membro, o que o levará a realizar-se e valorizar os outros membros, promovendo a auto-estima de todo o sistema.

Meira e Valle (2003) e Vincentin e Valle (2009) consideram que as famílias disfuncionais têm dificuldade em lidar com os elementos estranhos a seu equilíbrio, podendo desestabilizar os subsistemas e até mesmo o funcionamento interacional. Frente a esta problemática, podem-se citar os estudos de Minuchin e Fishman (1990), que destacam como características familiares disfuncionais, o emaranhamento dos membros, a superproteção de um membro em relação a outro, a rigidez entre os subsistemas e a evitação do conflito.

A adolescência por si só provoca mudanças no sistema familiar exigindo a redefinição de seu funcionamento, bem como os relacionamentos e renegociação dos papéis de cada subsistema (PRETO, 2001), o que se torna ainda mais intenso no caso violência sexual intra-familiar na adolescência.

Meira e Valle (2003) e Vincentin e Valle (2009) concluem que a Teoria Sistêmica apresenta subsídios que facilitam a análise destes processos funcionais e disfuncionais de uma família a partir das características da estrutura, funcionamento e interações entre os seus membros, sobretudo quando o foco são os diferentes momentos do ciclo vital evolutivo da família, em que determinados acontecimentos a tornam mais vulnerável à desestruturação, favorecendo sua disfuncionalidade.

O teste do desenho da família

O teste do desenho da família é uma técnica gráfica muito utilizada para investigação de aspectos da dinâmica familiar e do modo como a pessoa se posiciona nesta dinâmica, envolvendo atitudes e sentimentos. Trata-se de um instrumento de natureza projetiva, adaptado do Teste de Desenho da Família (TDF) sendo sistematizado por Corman (1967/1979). A adaptação consiste em introduzir o colorido no desenho da família, bem como a formulação de perguntas sobre as cores utilizadas no mesmo, incluindo-as no questionário do teste, de maneira que o Ego (pessoa em que se aplica o teste) possa indicar quem são os membros da família desenhada, bem como os seus sentimentos em relação a eles (MAGGI, 1970). Com tais incorporações o instrumento passou a ser nomeado de Teste do Desenho em Cores da Família – TDCF. O TDCF analisa: tamanho das figuras; seqüência das figuras; posição das figuras; omissões; posição na página; barreiras; inclusão de outros elementos; sombreados, rasuras e rabiscos; ordem no desenhar das figuras; ênfases especiais; qualidades do grafismo; elaboração das figuras e colorido das figuras.

Entre as pesquisas que avaliaram famílias com o uso TDCF, onde existia violência contra membros infantis do grupo familiar, cita-se Vicentin; Valle (2009), que desenvolveram um estudo com 15 crianças do sexo feminino, com idades entre 6 e 10 anos, vítimas de violência sexual por parte do pai. Suas respectivas mães também foram participantes desta investigação científica, totalizando 30 participantes. O estudo buscava identificar variáveis que pudessem comprometer os processos funcionais da dinâmica de famílias permeadas por violência sexual, e as autoras concluíram que a díade mãe/filha parece apresentar sentimentos de competição pelas mesmas funções no contexto familiar, gerando ciúmes e rivalidade entre os membros familiares, principalmente entre ambas. Elas também desenvolveram sentimentos como desvalorização e ansiedade. Outros sentimentos presentes em mães e crianças foram baixa auto-estima, insegurança e sentimento de inferioridade.

A partir dos estudos examinados verifica-se a pertinência no uso da TDCF com adolescentes que sofrem violência, no que tange facilitar-lhe, a expressão de seus sentimentos em no que diz respeito às relações interacionais vividas por seu grupo familiar. Dessa forma, esta pesquisa objetivou avaliar as interações do grupo familiar de adolescentes expostos à violência sexual intrafamiliar, bem como identificar aspectos disfuncionais das interações familiares desencadeadas pelo adolescente vítima do abuso sexual, pela mãe e pelo pai, no caso, o suposto agressor.

METODOLOGIA

Este estudo contou com a participação de dezessete participantes, sendo sete adolescentes, vítimas de violência sexual intrafamiliar, suas respectivas mães e seus respectivos pais, totalizando cinco famílias, considerando que em uma delas a violência sexual aconteceu em três irmãos. A coleta de dados foi realizada no Centro de Referência Especializado da Assistência Social do município de Três Lagoas – MS, no qual oferta acompanhamento e apoio psicossocial indivíduos vítimas de violência sexual, bem como às suas famílias.

Para a seleção das participantes deste estudo tivemos os seguintes critérios: adolescentes com idade entre onze e quinze anos, vítimas de violência sexual por parte do pai, não necessariamente o pai biológico, mas a pessoa que assumiu os cuidados paternos. A violência não deveria ter ocorrido há mais de um ano. Além disso, era prioritário que os adolescentes tivessem moradia fixa na cidade e residissem com os pais até a revelação do abuso e suas implicações legais e conseqüências psicossociais. Os participantes foram convidados a participar do estudo, recebendo inicialmente todos os esclarecimentos que a ética em pesquisa exige, contidas no Termo de Consentimento Esclarecido e posterior assinatura do Termo, representando a sua anuência ao conteúdo do mesmo. A última fase consistiu na aplicação, bem como na análise e interpretação dos dados.

Foram utilizados dois instrumentos que se complementam para a análise, descritos a seguir:

a) Teste do Desenho da Família (RETONDO, 2000) com adaptação de Valle (2000), técnica projetiva que inclui o uso de cores para a pintura das figuras realizadas – Teste do Desenho em Cores da Família - TDCF. Foi aplicado individualmente, sendo disponibilizado ao participante: folha em branco (tipo A4), lápis preto, borracha e 12 lápis coloridos.

b) Questionário, um específico para os adolescentes e outro específico para os pais, ambos constando com questões sobre dados pessoais e questões a respeito da dinâmica familiar, fundamentado na Teoria Sistêmica (MINUCHIN, 1982), composto por 30 perguntas a respeito das interações familiares vivenciadas pelos participantes. Tais questões foram

elaboradas para auxiliar a verbalização dos relacionamentos familiares vivenciados pelos participantes deste estudo. Estas interações foram subdivididas em categorias por Férez-Carneiro (1996), sendo que neste estudo serão utilizadas 10 delas: comunicação, papéis, regras, liderança, agressividade, conflito, afeição, individuação, integração, e, auto-estima. As perguntas são previamente elaboradas, de forma a dar subsídio para a análise dessas 10 dimensões.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

As famílias dos sujeitos da pesquisa apresentam heterogeneidade com relação ao número de filhos, sendo que três delas são constituídas por três membros fraternos, uma família com dois e outra com quatro membros fraternos. Destas, apenas a família com quatro membros fraternos ocorreu triplicidade nos casos de violência sexual, nas outras, apenas um dos filhos sofreram tal violência. Dessa forma, participaram sete adolescentes vítimas de abuso sexual (7A), sendo que destes, três são irmãos, cinco mães (5M) e cinco pais (5P).

Os participantes AF1, P1 e M1 representam a primeira família, os participantes AF7, M2 e P2 representam a segunda família, os participantes AF6, M3 e P3 representam a terceira família, os participantes AF2, AF3, AM4, P4, e M4 representam a quarta família, os participantes AF5, P5 e M5 representam a quinta família. Na primeira, segunda e quarta família houve separação conjugal após a revelação do abuso para as genitoras. Já na terceira e quinta família, as genitoras não romperam a relação. O Conselho Tutelar e a polícia foram notificados em todos os casos, dessa forma, instaurou-se inquérito policial, no qual os adolescentes foram submetidos ao exame corpo de delito, encaminhados também para o CREAS, e todos os pais são considerados como principais autores do crime de Estupro de Vulnerável. Os genitores P4 e P5 estão presos até serem julgados, já os outros genitores estão aguardando o julgamento em liberdade.

Os resultados mostram que dentre os adolescentes, observa-se a predominância do gênero feminino, sendo apenas um do gênero masculino, com idade variando entre 11 a 15 anos. Em relação à escolaridade, todos se encontram matriculados em escola pública, com predominância no Ensino Fundamental Incompleto, sendo que nenhum dos sujeitos freqüentava projeto social em horário contrário a escola antes da revelação do abuso. A religião predominante é a evangélica, sendo que dos 07 adolescentes, 05 são evangélicos e apenas são 02 católicos. Enquanto para a localização dos mesmos da constelação familiar, 03 são primogênitos, 02 são filhos do meio e 02 são caçulas.

Os laços consanguíneos são predominantes no grupo dos pais, enquanto 04 são genitores, apenas um é padrasto. Já a faixa etária varia entre 25 a 47 anos. Enquanto um finalizou o ensino fundamental, outros três não o completaram, e um completou o ensino médio. Neste grupo a religião predominante é o catolicismo e apenas dois são evangélicos. Dois deles exercem a atividade de auxiliar de produção e vendedor, e os outros três estão desempregados, embora tenham como profissão: auxiliar de serviços gerais, peão e carpinteiro.

Já a faixa etária das genitoras varia entre 29 a 44 anos e todas possuem ensino fundamental incompleto. A religião predominante é a evangélica, no qual três são evangélicas e duas são católicas. Três delas exercem a atividade de doméstica, uma do lar, e uma vendedora. A maioria das mães provem o sustento financeiro familiar, e as famílias apresentam renda de 1 a

2 salários mínimos. Da condição familiar pós-revelação do abuso, três mães se separaram do marido, e duas continuaram com a relação.

Quadro 1: Dados sócio-demográficos dos adolescentes e suas famílias

Participante	Idade	Sexo	Religião	Escolaridade	Renda Familiar	Ocupação
AF1	12	F	Evangélica	EFI	1 SM	Estudante
AF2	15	F	Evangélica	EFI	2 SM	Estudante
AF3	13	F	Evangélica	EFI	2 SM	Estudante
AM4	11	M	Evangélica	EFI	2 SM	Estudante
AF5	14	F	Evangélica	EFI	2 SM	Estudante
AF6	14	F	Católica	EFI	2 SM	Estudante
AF7	13	F	Católica	EFI	2 SM	Estudante
P1	47	M	Católico	EFI	-	Desempregado
P2	37	M	Católico	EFI	-	Desempregado
P3	40	M	Católico	EMI	2 SM	Aux. Prod.
P4	32	M	Evangélico	EFI	-	Desempregado
P5	25	M	Evangélico	EFC	2 SM	Vendedor
M1	44	F	Evangélica	EFI	1 a 2 SM	Do Lar
M2	29	F	Católica	EFI	1 a 2 SM	Doméstica
M3	37	F	Católica	EFI	1 SM	Doméstica
M4	32	F	Evangélica	EFI	1 SM	Doméstica
M5	28	F	Evangélica	EMC	1 SM	Vendedora

Nas análises dos 17 desenhos que se seguem, os conteúdos que aparecem entre parênteses são indicativos dos itens de análise do desenho – sempre representado pela letra D, acompanhado de número (s) indicando qual (ou quais) dos 13 itens (ANEXO A) de análise do desenho estão contidos naquela análise. Quando a letra nos parênteses é a Q, os números que podem acompanhá-la irão de 1 a 30, porque estes representam cada questão do Questionário (ANEXO B e C) que acompanha o presente instrumento TDCF.

Família 1: Adolescente Feminino – AF1, Pai – P1, Mãe – M1

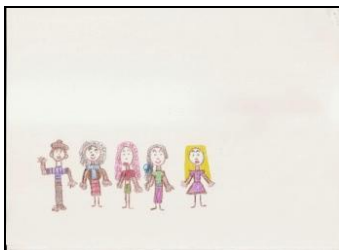


Figura 1: TDCF AF1

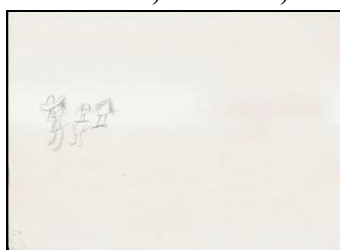


Figura 2: TDCF do P1

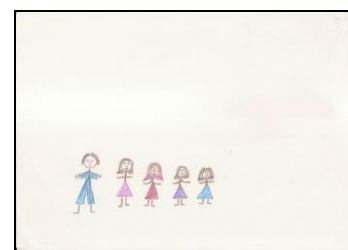


Figura 3: TDCF da M1

A adolescente AF1 desenhou sua família, sem omitir a figura paterna, embora resida com sua mãe, sua irmã mais velha, e seus dois sobrinhos, de 05 e 07 anos. Tal configuração familiar se deu após a revelação da violência sexual, cujo impacto resultou na separação conjugal do casal, indo adolescente e mãe residir com a irmã mais velha, a qual já possuía outra constituição familiar. Tal representatividade expressa valorização do modelo de familiar existido outrora, embora sempre tenha existido conflitos (Q – AF1: 5, 7, 12). Da mesma forma, pai e mãe desenharam a antiga estrutura familiar. Verifica-se a liderança exercida pela figura paterna. Ele aparece como primeiro e maior desenho, bem como averiguado no questionário (Q – AF1: 3, 23, 25; Q – P1: 3, 23; Q – M1: 3, 5, 23). O pai apresenta sentimentos de poder (D – P1: 5), no entanto, também apresenta sentimentos de insegurança

(D – P1:), e conflitos, ao omitir a figura das filhas não vítimas de violência sexual (D – P1:). A adolescente e a mãe expressaram insegurança e introversão. (D – AF1: 5; D – M1: 5, Q – M1: 3), bem como a presença de sentimentos competitivos pela mesma função no sistema familiar (D – AF1: 1; D – M1: 1, Q – M1: 3).

Na ocorrência da violência sexual o pai estava desempregado e a mãe estava passando dois meses na casa de parentes, em outra cidade, a adolescente estudava no período da manhã, e no período vespertino não frequentava nenhum projeto social, trabalhava nos cuidados domésticos, no qual fazia as refeições, lavava a roupa e limpava a casa. Permanecia a maior parte do tempo na presença do pai, em casa. Suas duas irmãs mais velhas residem em suas respectivas residências, com novas estruturas familiares formada.

Família 2: Adolescente Feminino – AF7, Pai – P2, Mãe – M2



Figura 4: TDCF AF7



Figura 5: TDCF P2



Figura 6: TDCF M2

A adolescente AF7 e sua mãe desenharam a nova realidade familiar após a revelação da violência sexual, cujo impacto resultou na separação conjugal do casal. No momento da aplicação do teste a mãe estava namorando outro homem, dessa forma, ela e a adolescente omitiram a figura paterna e desenharam a figura do atual companheiro da mãe. Fora percebido que ambas apresentam sentimentos de insegurança e inferioridade (Q – AF7: 5; Q – M2: 5), todavia, existe entre elas uma competição pela mesma função. É notório como a adolescente se projeta maior que a figura materna (D – AF7: 1), da mesma forma que a mãe apresenta dificuldades em distinguir a díade mãe e filha (D – M2: 1). O pai omitiu a figura materna, e valorizou a figura da adolescente vítima da violência sexual (D – P2: 1, Q – P1: 13, 27). Também é percebido o sentimento de poder que o pai apresenta para com os membros familiares ao desenhar no quadrante superior (D – P2: 5).

No momento da violência sexual, o pai estava desempregado enquanto a mãe trabalhava durante período integral, a adolescente estudava no período matutino e no período vespertino não frequentava projeto social. A mãe relatara que há três anos aproximadamente já não possuía mais relações sexuais com o ex-marido e dormia sozinha em seu quarto, fazendo com que ele dormisse no quarto dos filhos (Q – M2: 2, 3).

Família 3: Adolescente Feminino – AF6, Pai – P3, Mãe – M3

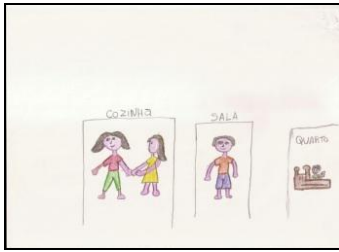


Figura 7: TDCF AF6

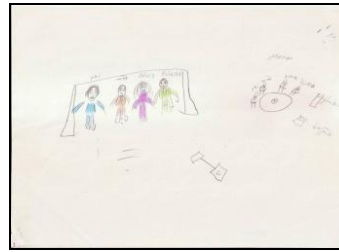


Figura 8: TDCF P3



Figura 9: TDCF M3

A adolescente AF6 expressou conflito e rejeição estabelecida para com a figura paterna ao desenhá-lo separado por barreiras (D – AF6: 6, 7, Q – AF6: 12), provavelmente estes sentimentos são advindos da relação abusiva a qual fora submetida. Já a mãe desenhou o filho mais velho bem menor, demonstrando a dispensação de cuidados para com ele, bem como sua valorização (D – M3: 1, Q – M3: 9), demonstrou também relação de igualdade para com a filha mais nova e vítima da violência sexual, ao desenhá-la do mesmo tamanho (D – M3: 1, 12). A adolescente, bem como seu pai, também expressaram dificuldade em estabelecer a diferenciação dos papéis (D – AF6: 1, 12; D – P3: 1, 12,) da díade mãe e filha.

Família 4: Adolescente Feminino – AF2, Adolescente Feminino - AF3, Adolescente Masculino – AM4, Pai – P4, Mãe – M4



Figura 10: TDCF AF2



Figura 11: TDCF AF3



Figura 12: TDCF AM4



Figura 13: TDCF P4

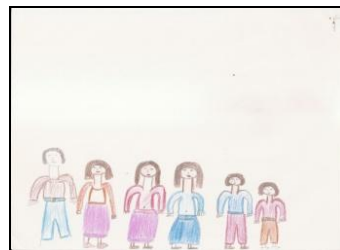


Figura 14: TDCF M4

Nesta família houve violência sexual em três dos quatro filhos. As adolescentes AF2 e AF3 omitiram a figura paterna de seus desenhos, expressando o conflito estabelecido para com o pai, provavelmente, advindo da violência sexual. A adolescente AF2 apresentou sentimento de superioridade ao se desenharem bem maior que sua mãe (D – AF2:1) e dificuldade em perceber seu real papel dentro da estrutura familiar, no qual assume o papel materno, em consequência da ausência da manifestação da mãe M4, esta, por sua vez, se omitiu enquanto cuidados e funções. É passiva, apresenta sentimento de inferioridade, insegurança e delega funções para a filha mais velha, vítima da violência sexual (D – M4: 1, 2, 5, 10, Q – M4: 2, 3, 8, 12, 10). Os outros adolescentes AF3 e AM4 também apresentam dificuldade em diferenciar o papel da irmã AF2 e da mãe M4 (D – AF3:1; D – AM4: 1, Q – AF3: 24 ; Q – AM4: 25), bem como AF3 também apresenta sentimentos de competição para com a mãe. A mãe é submetida ao autoritarismo paterno e demonstra sentimentos ambivalentes por ele. Já o pai assume o poder familiar (D – P4: 5), a liderança (Q – P4: 23), usufruindo deste poder em

tempo integral, por estar desempregado há mais de 06 anos. A mãe trabalha em dois empregos, um durante o dia e outro a noite. As crianças estudavam no período matutino e permaneciam o resto do dia na presença do pai, apenas. Após a revelação da violência sexual, houve separação conjugal.

Família 5: Adolescente Feminino – AF5, Pai – P5, Mãe – M5



Figura 15: TDCF AF5

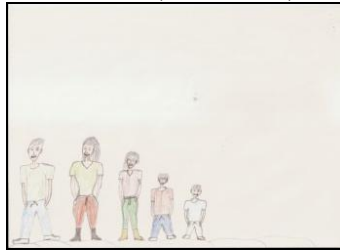


Figura 16: TDCF P5



Figura 17: TDCF M5

Embora o pai P5 seja padrasto da adolescente AF5 e pai biológico dos outros dois filhos mais novos, que fazem parte da configuração familiar, ela o considera enquanto tal ao representá-lo no desenho. A adolescente e a mãe o consideram enquanto figura preferida (Q - AF5: 12; Q - M5:12), estabelecendo uma relação de competição pela afeição do pai, da mesma forma que elas travaram uma competição pelo sistema familiar (D - AF5:1, 12; D - M5: 1, 12). A mãe apresenta sentimento de inferioridade e insegurança (D - M5: 2, 5, 7, 9, 13), já o pai apresenta sentimentos de superioridade e lidera o sistema familiar (D - P5: 1, Q - P5: 23). No momento da violência sexual, a mãe trabalhava durante o período noturno, favorecendo a ocorrência do abuso.

Os dados sócio-demográficos demonstraram que os adolescentes vítimas de abuso sexual eram, na maioria dos casos, do sexo feminino, enquanto que apenas um adolescente era do sexo masculino (Quadro 1). Estes dados estão em consonância com os estudos epidemiológicos sobre abuso sexual infantil (FINKELHOR, 1994; KRISTENSEN et al. 1999, apud HABIGZANG, 2005) que revelam que meninas são vítimas de abusos sexuais em maior frequência do que meninos, principalmente, no ambiente familiar. A literatura especializada aponta que uma em cada quatro meninas e um em cada 10 meninos é vítima de violência sexual antes de completar 18 anos.

No que tange aos pais, encontrou-se, na maioria dos casos, o pai biológico como agressor das vítimas, apenas um enquanto padrasto (Quadro 1). Tais dados encontram respaldo na literatura específica, Habigzang (2005), ao mapear os fatores de risco para abuso sexual intrafamiliar identificados nos processos jurídicos do Ministério Público do Rio Grande do Sul, verificou que em 57,4% dos casos, o agressor era pai da vítima e em 37,2% dos casos, este era padrasto ou pai adotivo desta. Estes resultados corroboram a literatura especializada que aponta que o abuso sexual contra crianças e adolescentes é perpetrado, na maioria dos casos, por cuidadores do sexo masculino. Este fenômeno pode ser compreendido por meio de aspectos sociais e culturais que envolvem a desigualdade, a dominação de gênero e de gerações (GOMES, et al. 2002).

No que se refere à ocupação dos pais, percebeu-se que a maioria encontra-se desempregada. Habigzang (2005), em seu estudo, verificou também que a maioria dos agressores estava desocupada ou em trabalho eventual. O desemprego é um fator de risco para a violência intrafamiliar, uma vez que pode gerar estresse e conflito entre os membros da família. Além disso, o pai ou cuidador que exerce esta função fica como principal responsável pelas crianças durante a maior parte do tempo, oportunizando a ocorrência de abusos sexuais

(KOLLER & DE ANTONI, 2004). Os adolescentes deste estudo não freqüentavam projeto social em horário contrário ao escolar, possibilitando este maior tempo com os pais, apenas, pois as mães, em sua maioria, provem o sustento financeiro familiar (Quadro 1), favorecendo a ocorrência da violência sexual.

Os desenhos, juntamente com as respostas dadas ao questionário, de forma integrada, foram submetidos aos fundamentos da Teoria Sistêmica. O tipo de resposta dado ao questionário é fundamental para a pontuação da variável, sendo que o aspecto gráfico serve de suporte, corroborando ou não a verbalização do participante. Tendo como foco o Teste do Desenho da Família Colorido e ao Questionário, os resultados mostraram aspectos disfuncionais das famílias acometidas por violência sexual. As variáveis do TDCF concomitantemente as variáveis das 10 dimensões interacionais tiveram consonância nos aspectos relacionados ao funcionamento da família, bem como na compreensão que o adolescente tem de si mesmo e como a mesmo percebe sua família, incluindo a expressão dos seus sentimentos e atitudes em relação aos diferentes membros do grupo.

Quadro 2: Situação das variáveis do TDCF dos participantes

Variável do TDCF	Situação da variável	% Adolescentes	% Pais	% Mães
Tamanho	Igual	57,14	80	100
	Maior	28,56	20	-
Sequência e Ordem	1º Fig. Ego	57,14	80	40
	1º Fig. Paterna	28,56	-	60
Posição figs	Próximo	85,68	80	80
	Mãos dadas	14,28	20	20
Omissões	Fig. Paterna	42,84	-	20
	Partes do Corpo	-	60	60
Posição na página	Inferior	71,4	20	80
	Superior	-	80	-
	Esquerda	57,14	80	20
	Direita	14,28	-	-
Qualidade do grafismo	Pressão	100	40	80
	Debilidade	-	60	20
	Tremulo	-	100	-
	Avanços e Recuos	-	100	-
	Linha Grossa	57,14	-	-
Elaboração das figs	Est. Diferentes	71,4	20	-
	Est. Semelhantes	28,56	60	100
Colorido (Preferido)	Fig. Ego	57,14	60	-
	Fig. Paterna	-	-	40
	Fig. Materna	14,28	-	-
	Filhos/Irmãos	-	-	60
	Sem Cor	14,28	40	-
Colorido (Rejeitado)	Fig. Ego	-	-	40
	Fig. Paterna	57,14	-	40
	Fig. Materna	-	-	-
	Filhos/Irmãos	28,56	40	60
	Sem Cor	28,56	60	20

Quadro 3: Situação da dinâmica interacional dos participantes

Dinâmica Interacional	Situação desta Dinâmica	% Adolescentes	% Pais	% Mães
Comunicação	Inadequada	57,14	100	80
	Confusa	42,84	-	20
Regras	Autoritárias	100	100	80
Papéis	Indiferenciados	85,68	60	100
Liderança	Paterna	71,4	100	100
Conflitos	Presentes e S/B/	100	60	40
	Encobertos	-	40	60
Agressividade	Sem problemas	42,84	40	100
	Destrutiva	57,14	60	-
Afeição	Paterna	14,28	-	20
	Materna	71,4	-	-
	Filhos (VVS)	-	60	80
Individuação	Dificultada	71,4	60	100
	Sem problemas	28,56	40	-
Integração	Dificultada	100	100	100
Auto-estima	Alta	85,68	60	20
	Baixa	14,28	20	20
	Sem problemas	-	-	60

A prevalência de figuras de tamanho *igual* (Quadro 2) entre os membros da família, representadas por adolescentes (57,14%), pais (80%) e mães (100%), e a porcentagem (28,56%) de adolescentes que se desenharam maior do que a figura materna, indicou que a representação da díade mãe/filha, baseou-se numa relação de igualdade, ou seja, não havia real diferenciação entre os papéis familiares, travando entre as adolescentes e mães, uma competição pelas mesmas funções no contexto familiar. Com isso, as adolescentes denotaram possuir dificuldade na diferenciação entre os papéis de mães e filhas, não respeitando as atribuições de cada papel e as relações afetivas envolvidas; as mães demonstraram não conseguir delimitar seu papel materno, e os pais demonstraram não conseguir diferenciar o papel individualizado da mãe e da filha.

Estes dados alcançam respaldo na literatura específica, entre elas: Cunha (2000) e Vicentin e Valle (2009) que concluem em suas pesquisas, que famílias com dinâmicas interacionais inadequadas, podem emergir em seu contexto comportamentos de competição entre o adolescente e outros familiares. Mas de maneira mais específica Vicentin e Valle (2009) concluíram também que a díade mãe/filha apresentam competição pelas mesmas funções no contexto familiar.

Tal aspecto disfuncional também é observado nas variáveis “Papéis”, “Individuação” e “Elaboração das Figuras”. Na variável “Papéis”, 85,68% dos adolescentes, 60% dos pais e 100% das mães apresentaram distribuição de papéis indiferenciada, demonstrando que os papéis não são apropriados. Na variável “Individuação”, 71,4% dos adolescentes, 60% dos pais e 100% das mães apresentaram dificuldade na expressão da individualidade. No que tange a variável Elaboração das Figuras, embora a maior parte dos adolescentes (71,4%) apresentou identidade pessoal de acordo com seu próprio gênero, 28,56% dos adolescentes apresentaram dificuldade na expressão da identidade, e a 80% dos pais e 100% das mães apresentaram precária individualidade e dificuldade na identidade pessoal.

No que se refere a variável do TDCF, “Posição das Figuras entre si”, dos adolescentes, 85,68% representou a própria figura próxima às demais figuras da família, bem como 80% dos pais e 80% das mães o fez (Quadro 2), indicando identificação e necessidade de apoio em momentos de crise, dados em consonância com os estudos de Cunha (2000), já 14,28% dos adolescentes, 20% dos pais e 20% das mães expressaram interdependência e falta de liberdade individual.

Dessa forma, é observado que a identidade pessoal dos sistemas familiares está prejudicada, há desrespeito a individualidade de cada membro e os conflitos entre mãe e filha aparecem como dificultador na distribuição de papéis, no qual falta manifestação de identidade pessoal das figuras maternas, e os adolescentes, em consequência, assumem tal papel do sistema parental. Tais dados disfuncionais estão associados à dificuldade na identidade pessoal (CUNHA, 2000; RETONDO; 2000, VALLE; 2000) sugerindo que o grupo não valoriza as características individuais de seus membros e dessa forma, eles se tornam muito dependentes um do outro.

A interdependência dos membros de um grupo familiar, num grau muito intenso é prejudicial ao desenvolvimento de características psicológicas de cada indivíduo. Minuchim e Fishman (1990), Valle (2000) e Vincentin e Valle (2009) fundamentados na Teoria Sistêmica consideram que a capacidade da pessoa expressar-se como um ser individual, junto aos membros de sua família o auxiliará no assumir a responsabilidade por seus atos e a definir sua individuação, fundamental para a convivência em qualquer tipo de grupo interacional, desde o seu contexto familiar como com os mais diferentes grupos extra-familiares, desenvolvendo-se e amadurecendo-se com estas experiências diversificadas fortalecendo suas redes sociais.

Focalizando a variável “sequência”, é observado que 57,14 dos adolescentes e 80% das pais se desenharam em primeiro lugar, (Quadro 2), já 28,56% dos adolescentes e 40% das mães desenharam a figura paterna em primeiro lugar, com relação aos demais membros da família. A interpretação de tal variável, de acordo com os itens de análise do TDCF aponta para sentimento de valorização da figura representada. Dos 57,14% dos adolescentes que se desenharam em primeiro lugar, 28,56% apresentam desejo de valorização no sistema familiar, representando valência afetiva negativa, ou seja, que estes adolescentes desejam ser amados, valorizados e respeitados, conforme interpretam Valle (2000), Meira e Valle (2003) e Vincentin e Valle (2009), enquanto que os outros 28,56% expressam sua própria valorização dentro do contexto familiar. Já os pais, as mães e os outros 28,56% dos adolescentes expressam o sentimento de dominância que a figura paterna exerce dentro do contexto familiar. Tais dados estão em consonância com as variáveis das 10 dimensões interacionais “Liderança” e “Regras”.

Na variável “Liderança”, 71,4% dos adolescentes e 100% das mães delegam o papel de líder para a figura paterna, tal como 100% dos pais se projetam como líderes do sistema familiar. Da mesma forma, todos os participantes foram unânimes em representar o pai enquanto regulador das regras. A variável “regras” se mostrou rígida e autoritária, sendo desempenhada pelo pai, no qual obteve porcentagem máxima (Quadro 3) dos três sistemas familiar: pai, mãe e filhos.

Férez-Carneiro (1996), Minuchim e Fishman (1990), Valle (2000) e Vincentin e Valle (2009) referem que para uma boa liderança seja exercida na família, é necessário estarem claras e não de forma autoritária, bem como as regras familiares devem estar definidas, outra dimensão

interacional da Teoria Sistêmica, até porque quando são alterados os limites entre membros de um grupo familiar, condutas abusivas são facilitadas, e a mãe, muitas vezes, não consegue se impor frente à situação, nem desempenhar o seu papel de líder após condições interacionais disfuncionais. Encontra-se em Farinatti, Biazus e Borges, (1993), respaldo na análise destes dados, ao ressaltar que o modelo de família patriarcal, no qual o pai é colocado como figura de autoridade máxima, é uma das características da dinâmica da família incestuosa. Nas famílias deste estudo, é observado que tal autoridade e liderança se ascendem, uma vez que na maioria dos casos, o pai estava desempregado e desempenhava este papel em tempo integral, ficando com maior contato e tempo com os adolescentes, os colocando em situação de maior risco e vulnerabilidade.

Tão importante quanto para o bom funcionamento familiar, encontramos a variável “Comunicação” (Quadro 3). Falhas na comunicação de um grupo familiar podem comprometer o desenvolvimento emocional do mesmo, pois, segundo Férrez-Carneiro (1996), Valle (2000) a comunicação familiar, em especial dos pais para os filhos, deve ser clara, congruente, com direcionalidade e conteúdo emocional adequado de forma a promover a saúde emocional de seus membros. No entanto, 57,14% dos adolescentes apresentaram comunicação inadequada, e para 42,84% deles, a comunicação se apresentou confusa. Para os pais (100%) e para as mães (80%) a comunicação também foi expressa inadequadamente. Dessa forma, é observado que há problemas na comunicação das famílias permeadas por violência sexual deste estudo, podendo influenciar o desenvolvimento inadequado das outras dimensões interacionais avaliadas (regras, papéis, liderança, conflitos, agressividade, afeição, individuação, integração e auto-estima).

Além da comunicação inadequada, a prevalência de uma integração não gratificante dos participantes indica também precária interação entre os membros, o qual 100% dos adolescentes, dos pais e das mães obtiveram integração inadequada. Segundo Férrez-Carneiro (1996), Minuchim e Fishman, (1990), Valle (2000) e Vincentin e Valle (2009), a integração é considerada pela Teoria Sistêmica como fundamental para que os elementos do grupo compartilhem esforços para alcançarem objetivos comuns, e para que sejam capazes de atuar em conjunto para a solução de problemas, conseguindo obter, desta forma, um senso de grupo que lhes permitirá evoluir como pessoas.

Estes dados sugerem relação com a variável do TDCF “omissões” e com a dimensão interacional “conflitos”. Os dados referentes às omissões de figuras nos desenhos revelaram que 42,84% dos adolescentes e 20% das mães realizaram o desenho da família com a omissão da figura do pai e 60% dos pais omitiram partes do corpo e membros da família (Quadro 2). A interpretação deste dado, no caso dos adolescentes, refere-se à conflitos entre a figura do filho e a figura omitida, conforme estudos de Cunha (2000), Hammer (1991), Retondo (2000), Valle (2000), aqui advindo do fato destes adolescentes terem sido expostos à conduta abusiva dos pais, ao omitirem suas figuras, pode representar esquiva de sentimentos negativos relacionados ao mesmo (AMAZZARAY & KOLLER, 1998). No que tange a análise das mães e dos pais, observa-se que os genitores apresentam dificuldade no relacionamento entre eles e as demais figuras do grupo familiar, bem como a existência de conflitos ocultos, o que dificulta sua resolução.

Conforme a Teoria Sistêmica, os conflitos são importantes no processo de desenvolvimento dos membros de uma família porque promovem vias de interação grupal, positivas ou negativas, que estimulam o crescimento ou predisõem ao desequilíbrio emocional (MINUCHIM & FISHMAN; FÉREZ-CARNEIRO, 1996; VALLE, 2000). O contrário é

encontrado nas famílias deste estudo: 100% dos adolescentes, 60% dos pais e 40% das mães expressam a existência de conflitos e a falta de busca em suas resoluções, já para 40% dos pais e 60% das mães, os conflitos aparecem de forma encoberta (Quadro 2).

Estes dados indicam que estas famílias não procuram meios para lidar com os conflitos, tampouco buscam atitudes para resolvê-los, trazendo prejuízo para a dinâmica familiar, favorecendo a vivência de sentimentos ruins, atitudes de agressividade destrutivas e até mesmo transtornos emocionais. Tal análise está em concordância com a literatura específica, autores afirmam que famílias permeadas por violência, tendem a apresentar receio em encararem a problemática da violência sexual, optando por deixarem ocultos alguns sentimentos e sensações (AZEVEDO; GUERRA, 2003, CHARAM, 1997, LANGBERG, 2002). Segundo Carter; McGoldrick (1995), o funcionamento dos membros de uma família pode repetir-se ao longo de várias gerações, transmitindo regras e continuando padrões sintomáticos, tal como o incesto. Então, se a família conseguir reconhecer essa repetição poderá ajudar a pessoa, bem como todo o grupo, a evitar que certas situações aconteçam, frustrando esse processo disfuncional e construindo relações mais saudáveis.

No que se refere a variável do TDCF, “Posição na página”, o Quadro 2 indica que a maior parte dos adolescentes realizou o desenho das figuras da família em posição inferior (71,47%) e esquerda (57,14%) na folha, dois itens que se inter-relacionam, pois, conforme os itens de análise do TDCF, aponta que a primeira posição pode significar insegurança e sentimento de inferioridade e a segunda pode se referir à introversão e inibição. Pesquisas de Campos (2002), Cunha (1993), Retondo (2000), Valle (2000) e Vincentin; Valle (2009), indicam que estes sentimentos são comumente encontrados em crianças e adolescentes vítimas de violência sexual (FURNISS, 1993; AMAZARRAY & KOLLER, 1998; LANGBERG, 2002; DAY, 2003).

Os pais utilizaram mais o quadrante superior da folha (80%) e esquerda (80%) para realizarem seus desenhos. Este item se relaciona a sentimento de poder (quadrante superior), ainda que tenham dificuldade de exteriorização e sustentação do mesmo, considerando o posicionamento do lado esquerdo (introversão, insegurança). Pôde-se observar que a condição de poder está, mais uma vez, relacionada ao modelo de família patriarcal, como característica da dinâmica da família incestuosa. (FARINATTI, BIAZUS & BORGES, 1993).

Das mães, 80% utilizaram a posição inferior na realização de seus desenhos, o que pode significar insegurança e sentimento de inferioridade. Observa-se que este resultado está relacionado com a dificuldade encontrada quando a mulher passa a assumir a liderança da organização familiar, após a revelação da violência sexual, na condição de único adulto presente, seja por separação conjugal (60% delas) ou pela prisão dos pais (40%). Estes dados encontram consistência dos estudos de Azevedo e Guerra (2003), Campos (2002), Cunha (2000), Langberg (2002) e Valle (2000).

Através da variável “Qualidades do Grafismo”, é verificado que 100% dos adolescentes utilizaram “pressão” em seus traços (Quadro 2), estando associada, segundo Campos (2002), Retondo (2000) e Valle (2000), a impulsos expressivos e expansão vital, o que significa que os adolescentes pareceram ter mais facilidade em lidar com as situações de uma forma “lúdica”. No entanto, 57,14% deles fizeram o desenho com linha grossa, demonstrando hostilidade ao meio, considerando a exposição da violência sexual no qual foram submetidos. Dos pais, 60% apresentaram debilidade na pressão dos traços, bem como 100% deles apresentaram traçado trêmulo e “avanços e recuos”, caracterizando inibição da expressão

vital, conflitos, insegurança, ansiedade e medo. Estes dados podem representar a insegurança e o medo que os pais apresentam em consequência do processo e inquérito policial, bem como do julgamento que irão enfrentar, da possibilidade de serem (60%) ou continuarem presos (40%). Das mães, 80% apresentaram expansão vital ao desenharem com forte pressão no traçado. Este dado se relaciona aos estudos de Day (2003), ao afirmar que as mães apresentam mais maturidade para encarar situações conflituosas, embora estejam fragilizadas pela dificuldade em lidar com os conflitos procedentes da nova realidade, após o desnudar da violência sexual.

No que tange a variável do TDCF, “Colorido” (Quadro 2), 57,14% dos adolescentes utilizaram as cores preferidas na figura Ego, expressando o desejo de serem valorizados, e 57,14% utilizaram as cores rejeitadas na figura paterna. Esta variável está em consonância com a variável “Afeição” (Quadro 3), no qual o pai foi escolhido como figura rejeitada, demonstrando conflitos e sentimentos ambivalentes que eles direcionam para a figura paterna. Segundo Day (2003), a vítima de violência sexual pode vivenciar uma confusão nos papéis e funções familiares, considerando que a violência é praticada por alguém que, obrigatoriamente, deveria lhes dispensar cuidados e proteção. A autora complementa que a vítima vive uma situação traumática e conflituosa, permeada por diferentes sentimentos, como medo, raiva, prazer, culpa e desamparo, explicando, inclusive, o desejo de serem valorizadas no contexto familiar.

Para os pais, 60% deles utilizaram cores preferidas na figura Ego, demonstrando mais uma vez o sentimento de poder e liderança que eles exercem no contexto familiar. Já os outros 40% não utilizaram o colorido no desenho, expressando ausência de vitalidade. Das mães, 40% utilizaram as cores preferidas nas figuras dos filhos que não foram alvo da violência e 40% delas, nas figuras dos filhos vítimas de violência sexual. E 40% das mães utilizaram as cores rejeitadas na figura do ex-marido. Dos pais, 60% direcionam afeição para os filhos vítimas de violência sexual, e estes mesmos pais têm os filhos não vítimas como figura rejeitada. E os outros 40% direcionam afeição para os filhos não vítimas de violência, e têm a mãe como figura rejeitada. Das mães, 60% delas direcionam afeição para os filhos. E como figura rejeitada, a figura do marido. No entanto, 40% das mães direcionam afeição para a figura do marido.

Quando o alvo de análise foi a variável “auto-estima”, 85,68% dos adolescentes apresentaram auto-estima alta, e mais uma vez reforçaram a idéia de que crianças e adolescentes apresentaram mais facilidade e capacidade de lidarem com as situações adversas de uma forma lúdica. Já para os pais, 60% deles apresentaram alta auto-estima, demonstrando novamente a condição de poder e superioridade que eles têm para com os membros familiares; os outros 40% apresentaram auto-estima baixa, podendo demonstrar a insegurança frente a possibilidade de serem considerados culpados no julgamento. Para as mães, a auto-estima apareceu sem problemas para 60% delas. No entanto, verificou-se que a auto-estima pode apresentar-se como um falso resultado, no qual seriam necessários mais estudos para corroborar a avaliação desta variável.

Em síntese, os resultados indicaram a dificuldade na diferenciação dos papéis familiares, fato que pareceu ser o motivador para o empobrecimento da individuação nos grupos. Também percebeu-se a presença de conflitos, e a ausência de recursos para resolvê-los, o que os torna sólidos e passíveis de serem transmitidos como padrões disfuncionais sintomáticos. Neste contexto, as famílias estudadas demonstraram dificuldades de comunicação entre os membros familiares, prejudicando a integração entre eles, bem como a existência de uma liderança

autoritária e a ineficiência de regras familiares claras que possam ajudar na reorganização do grupo. Os estudos de Peçanha e Lacharité (2007), Vicentin e Valle (2009), Neuber, Valle e Palamin (2008), Panosso e Peçanha (S/D) e Reis (2009) mostram que famílias com características diferenciadas (crianças com asma, crianças que sofreram violência sexual, adolescentes com deficiência auditiva, adolescentes usuários de drogas e mães adolescentes) também apresentaram disfunções em relação às dimensões de interação. É importante salientar que estas características indicam maior probabilidade de violência, mas não podem ser consideradas em uma relação direta de causa e efeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através dos instrumentos utilizados e das revisões bibliográficas realizadas para esta pesquisa, foi possível verificar aspectos disfuncionais nas interações do grupo familiar de adolescentes expostos à violência sexual:

No que tange aos adolescentes, verificou-se que eles apresentam dificuldades em diferenciar os papéis, principalmente no que se refere à díade mãe e filha, travando uma competição pelas mesmas funções no contexto familiar. Apresentam ainda dificuldade na expressão da individualidade, sentimentos de desvalorização, insegurança e hostilidade ao meio.

Da mesma forma, os pais apresentam dificuldade em diferenciar os papéis da díade mãe e filha, e em expressar a individualidade. Foi percebido também que eles se projetam como líderes fixos do sistema familiar, exercendo a liderança, ordenando as regras e apresentando sentimentos de poder e autoritarismo para com os demais membros familiares. Observa-se a dificuldade no relacionamento e a existência de conflitos ocultos, o que dificulta sua resolução.

Em consonância com os outros resultados, as mães não conseguem delimitar seus papéis, delegando suas funções para as filhas, dessa forma, ao faltar manifestação da identidade materna, os filhos a assumem, como consequência. As mães também apresentam dificuldade na identidade pessoal, insegurança e sentimento de inferioridade.

Em relação às dimensões interacionais, verifica-se a existência de dinâmicas familiares disfuncionais, comunicação precária, regras rígidas, liderança autoritária, papéis indiferenciados, conflitos encobertos e sem atitudes para resolvê-los, individuação e integração inadequada. O estudo evidencia a desorganização na estrutura e no funcionamento destas famílias e os prejuízos disso para todo o grupo. Tais resultados podem subsidiar ações preventivas e terapêuticas para situações de violência sexual contra crianças e adolescentes. Dessa forma, sugere-se o acompanhamento psicológico para os participantes deste estudo e demais envolvidos, com vistas à redução dos danos causados e a recuperação da qualidade de vida para todos os membros da família, assim como a necessidade de continuidade de estudos na área em questão, principalmente por ser um fenômeno que inspira atenção social, por envolver a sanidade física e mental e também pela preocupação dos programas de atenção às vítimas em desenvolver o combate e a prevenção ao fenômeno, visando minimizar sua ocorrência.

Referências

ABERASTURY, A. e KNOBEL, M. *Adolescência normal*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

ABRAPIA. *Abuso Sexual: mitos e realidade. Guia de orientação para a população*. Petrópolis: Autores & Agentes Associados, 1997.

AMAZARRAY, M. R.; KOLLER, S. H. Alguns Aspectos Observados no Desenvolvimento de Crianças Vítimas de Abuso Sexual. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.11, n.3, p.431-440, 1998.

ARAÚJO, M. F. Violência e Abuso Sexual na Família. *Psicologia em Estudo*, v.7, n.2, p.3-11, 2002.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. *Dossiê Diagnóstico: violência sexual doméstica contra crianças e adolescentes*. São Paulo: USP, 2003.

BRASIL. *Estatuto da Criança e do Adolescentes (ECA)*. Lei Federal 8069/90.

BRINO, R. F.; WILLIAMS, L. C. A. Prevenção Primária e Secundária do Abuso Sexual Infantil. In: WIELENSKA, R. C. (Org.). *Sobre Comportamento e Cognição*. Santo André: ESETEC, 2005.

BORGES, L. A.; LOUREIRO, S. R. O Desenho da Família como Instrumento de Avaliação Clínica de um Grupo de Crianças Encaminhadas para Atendimento Psicopedagógico. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v.42, n.2, p.106-140, 1990.

CAMPOS, D. M. S. *O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade*. Petrópolis: Vozes, 1977.

CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CHARAM, I. *O Estupro e o Assédio Sexual: como não ser a próxima vítima*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

COLE, M.; COLE, S. R. *Desenvolvimento da Criança e do Adolescente*. Porto Alegre: Artmed, 2003.

CORMAN, L. *O Teste do Desenho da Família*. São Paulo: Mestre Jou, 1979.

CUNHA, J.A. *Psicodiagnóstico R*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.

_____. *Psicodiagnóstico V*. Porto Alegre, Artes Médicas Sul, 2000.

DAY, V. P. Violência Doméstica e suas Diferentes Manifestações. *Revista de Psiquiatria do Rio Grande do Sul*, v.25, supl.1, p.9-21, 2003.

DE ANTONI, C. & KOLLER, S. H. A visão sobre família entre as adolescentes que sofreram violência intrafamiliar. *Estudos de Psicologia*, v.5, n.2, p.347-381, 2000.

DUARTE, J. C.; ARBOLEDA, M. R. C. Sintomatologia, Avaliação e Tratamento do Abuso Sexual Infantil. In: CABALLO, V. E.; SIMÓN, M. A. (Orgs.). *Manual de Psicologia Clínica Infantil e do Adolescente (Transtornos Gerais)*. São Paulo: Santos, p. 293-321, 2005.

FARINATTI F.; BIAZUS, D.; BORGES, L. M. *Pediatria social: a criança maltratada*. Rio de Janeiro, Medsi, 1993.

FAÚNDES, A. et al. Violência Sexual: procedimentos indicados e seus resultados no atendimento de urgência de mulheres vítimas de estupro. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, v.28, n.2, p.126-135, 2006.

FRANÇA-JUNIOR, I. Abuso Sexual na Infância: Compreensão a partir da Epidemiologia e dos Direitos Humanos. *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v.7, n.12, p.23-38, 2003.

FÉREZ-CARNEIRO, T. O Papel da Família na Promoção da Saúde Mental. *Revista de Psicologia Hospitalar*, v. 12, n. 2, p.4-9, 1996.

FERREIRA, A., L. Acompanhamento de Crianças Vítimas de Violência: desafios para o pediatra. *Jornal de Pediatria*, v.81, supl.5, p.173-180, 2005.

FURNISS, T. *Abuso Sexual da Criança: uma abordagem multidisciplinar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

GOMES, R., DESLADES, S. F., VEIGA, M. M, BHERING, C. & SANTOS, J. F. C. Por que as crianças são maltratadas? Explicações para a prática de maus-tratos infantis na literatura. *Cadernos de Saúde Pública*, v.18, n.3, p.707-714, 2002.

HABIGZANG, L. F.; CAMINHA, R. M. *Abuso sexual contra crianças e adolescentes: conceituação e intervenção clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

HABIGZANG, Luísa F. et al . Abuso sexual infantil e dinâmica familiar: aspectos observados em processos jurídicos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.21, n.3, p341-348, 2005.

HAMMER, E. F. *Aplicações clínicas dos desenhos projetivos*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.

KALINA, E. *Psicoterapia de Adolescentes: teoria, técnica e casos clínicos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.

KLEPSCH, M.; LOGIE, L. *Crianças desenharam e comunicam*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1984.

KOLLER, S. H. *Violência doméstica: uma visão ecológica*. São Leopoldo: Amencar, 1999.

KOLLER, S. H. & DE ANTONI, C. Violência intrafamiliar: uma visão ecológica. Em S. H. KOLLER, S. H. *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil*. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 293-310, 2004.

LANGBERG, D. M. *Abuso Sexual: aconselhando vítimas*. Curitiba: Esperança, 2002.

LEVISKY, D.L. *Adolescência: pelos caminhos da violência: a psicanálise na prática social*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

- MAGGI, A. *Teste do desenho em Cores da Família*. 1970. 64 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- MEIRA, B. B. A.; VALLE, T. G. M. *Nível de Estresse das Acompanhantes de Pacientes Internados no Setor Pediátrico e os Aspectos Socioemocionais Inter-Relacionados*. In: NEME, C.M.B; RODRIGUES, O.M.P.R. *Psicologia da Saúde: perspectivas interdisciplinares*. São Carlos: Rima, p. 193-222, 2003.
- MINAYO, M.C.S. O significado social e para a saúde da violência contra crianças e adolescentes. In: WESTPHAL, M.F. *Violência e criança*. São Paulo: EDUSP, p.95-114, 2002.
- MINUCHIN, S.; FISHMAN, H. C. *Técnicas de Terapia Familiar*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- MINUCHIN, S. *Famílias: Funcionamento e tratamento*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.
- NEUBER, L.M.B.; VALLE, T.G.M.; PALAMIN, M.E.G. O adolescente e a deficiência auditiva: As relações familiares retratadas no teste do desenho em cores da família. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, v.18, n.3, p.321-338, 2008.
- OCAMPO, M. L. S. et al. *O Processo Psicodiagnóstico e as Técnicas Projetivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- ORTEGA, A. C. O Desenho da Família como Técnica Objetiva de Investigação Psicológica. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, v.33, n.3, p.73-81, 1981.
- OSÓRIO, L. C. *Adolescente Hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- PADILHA, M. G. S.; GOMIDE, P. I. C. Descrição de um Processo Terapêutico em Grupo para Adolescentes Vítimas de Abuso Sexual. *Estudos de Psicologia*, Natal, v.9, n.1, p.53-61, 2004.
- PADILHA, M., G., S.; WILLIAMS, L., C., A. Concepções de Pais de Baixa Renda Acerca de Abuso Sexual contra Crianças. In: GUILHARDI, H. J.; AGUIRRE, N. C. *Sobre Comportamento e Cognição: expondo a variabilidade*. Santo André: ESETEC, 2005.
- PANOSSO, I.R.; PEÇANHA, D.L. *A dinâmica familiar do adolescente usuário de drogas* (Resumo expandido). Ufscar, S/D. Disponível em: <http://www.ufscar.br/~bdsepsi/dor_pec_res_8.pdf>. Acesso em: 07 fev. 2010.
- PEÇANHA, D.L. *A reciprocidade de desenvolvimento entre a criança com asma e sua família*. São Paulo, 1997. 155p. Tese (Doutorado) – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo.
- _____ ; LACHARITE, C. The systemic family assessment system: its validity with asthmatic children and their families. *Psicologia em Estudo*, v.12, n.3, p.503-512, 2007.

PRETO, N.G. Transformação do Sistema Familiar na Adolescência. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre: Artmed, 2001.

REIS, V. Valle, T.G.M Adolescentes desenhando e falando sobre ser mãe nessa fase do ciclo vital. In: Valle, T.G.M. *Aprendizagem e Desenvolvimento Humano: Avaliações e Intervenções*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009.

RETONDO, M. F. N. G. *Manual Prático de Avaliação do HTP (Casa-Árvore-Pessoa) e Família*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

VALLE, T. G. M. *Reciprocidade Sócio-Afetiva da Criança com Fissura Lábio-Palatal e sua Família*. 2000. 170 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

VINCETIN, S.C.; Valle, T.G.M. Relações familiares permeadas por violência sexual do pai contra a filha. In: Valle, T.G.M. *Aprendizagem e Desenvolvimento Humano: Avaliações e Intervenções*. São Paulo: Cultura Acadêmica, p.177-200, 2009.

WILLIAMS, L. C. A. Abuso Sexual Infantil. In: GUILHARDI, H. J., et al. *Sobre comportamento e cognição: contribuição para a construção da teoria do comportamento*. Santo André: ESETEC, 2002.